

A INFLUÊNCIA DAS RELAÇÕES FAMILIARES NO USO DE DROGAS POR ADOLESCENTES: UMA REFLEXÃO PSICOLÓGICA

THE INFLUENCE OF FAMILY RELATIONSHIPS IN ADOLESCENT'S DRUG USES: A PSYCHOLOGICAL REFLECTION

¹MARIANO, C. M.; ²POGIBIN, G. G.

^{1e2}Curso de Psicologia –Faculdades Integradas de Ourinhos-FIO/FEMM

RESUMO

O uso abusivo de drogas, considerado uma grande preocupação da contemporaneidade, devido a um aumento significativo de indivíduos envolvidos com este tipo de prática gera e/ou emerge conflitos familiares e sociais. Por ser uma etapa crucial para o desenvolvimento do indivíduo, marcada por instabilidade emocional, rebeldia e questionamentos, com características de crise na construção de identidade e em virtude de, geralmente, o início do uso de drogas ocorrer nesta fase, faz-se necessário dedicar atenção a adolescência. Tendo em vista que a família é entendida como a base para a educação e socialização, acredita-se que a postura familiar, assim como falta de estrutura desta podem ser condições propícias ao desenvolvimento da toxicomania. Para tanto, este estudo bibliográfico se propôs a pensar a relevância das relações familiares como agente facilitador, questionando se estas podem ser entendidas como influências no desenvolvimento da dependência do jovem. A família é vista como imprescindível no processo de constituição do sujeito e, conseqüentemente, no processo do envolvimento com drogas pelos adolescentes, visto que os pais transmitem os seus valores, conceitos e normas e regras aos filhos, e na falha desta transmissão, quando estes estão inseridos numa família desestruturada ou que atua na educação de forma extremista, com autoritarismo exacerbado ou permissividade excessiva, falhando na mediação com o meio social, é maior o risco de desenvolver uma dependência.

Palavras-chave : Adolescência, família, uso de drogas

ABSTRACT

The abuse of drugs, considered a major concern of contemporaneity, because a significant increase of individuals involved with this type of practice; generates and/or family and social conflict emerges. To be a crucial step for the development of the individual, marked by emotional instability, rebellion and questioning, with features of crisis in the construction of identity and as a result of, generally, the beginning of the drug occur at this stage, it is necessary to devote attention to adolescents. In order that the family is understood as the basis for the education and socialization, it is believed that the familiar stance, as well as the absence of this structure can be conditions conducive to the development of drug addiction. To this end, this bibliographic study proposed to consider the relevance of family relationships as an agent facilitator questioning if these can be understood as influences on the development of dependence of the young. The family is seen as essential in the process of Constitution of the subject and, consequently, in the process of involvement with drugs by adolescents, because parents transmit their values, concepts and standards and rules to the children, and on failure of this transmission, when these are placed in a family or flattened in education so extremist, with authoritarianism exacerbated or excessive permissiveness, failing in mediation with the social environment, increases the risk of developing a dependency.

Keywords: Adolescence, family, drug use.

INTRODUÇÃO

As drogas se tornaram uma das maiores preocupações da contemporaneidade, pois cada vez mais, há um número maior de indivíduos envolvidos com este mundo; o que gera muitas aflições nas famílias e até mesmo para a sociedade, se apresentando “na atualidade como um importante problema

sociopolítico, em níveis nacional e internacional” (BIRMAN, 2009, p. 199). O adolescente, por suas características de crise na construção de sua identidade, se torna um potencial cliente para a indústria do tráfico, e acaba por muitas vezes, acarretando em problemas nas famílias, ou fazendo emergir desestruturas psicológicas familiares. Como bem argumenta Nogueira Filho (1999, p. 78), na atualidade o uso de drogas é “uma mistura saborosa, apimentada, gozoza de cientificismo, misticismo, consumismo e promessa de felicidade”. Também defende que “se o instante de olhar a toxicomania passou, o momento de concluir ainda não chegou. É o tempo para compreender” (NOGUEIRA FILHO, 1999, p. 33), esta intrigante problemática que assola a vida de tantas famílias.

Nos últimos anos, houve um aumento significativo e notório no seu consumo, principalmente por indivíduos no período da adolescência que “vem sendo considerada o momento crucial do desenvolvimento do indivíduo, aquele que marca não só a aquisição da imagem corporal definitiva como também a estruturação final da personalidade” (OSÓRIO, 1989, p. 10), sendo, portanto, considerado como um grupo de alto potencial de risco, especialmente quando unidas as condições necessárias para o desenvolvimento da drogadição.

A etapa da adolescência é notadamente marcada por instabilidade emocional, rebeldia, busca de identidade, que segundo Osório (1989, p. 10) “é uma etapa evolutiva peculiar do ser humano”. Percebe-se um envolvimento social grupal, deixando de lado a família e muitas vezes sua ideologia. Comportamentos que somados a alta disponibilidade das drogas e o baixo custo inicial, facilitam a entrada nesse nesta prática, o que torna o assunto extremamente crítico, sendo, portanto, uma fase que merece atenção.

É considerado normal que o adolescente questione, duvide das verdades prontas, se rebele contra os conceitos impostos até então e que busque pessoas com as quais se identifique na busca de uma identidade própria. Neste contexto de tantas mudanças corporais e, principalmente psíquicas, pode iniciar o consumo de uma substância drogada, o que ocorre pelos mais variados motivos, indo desde a mera curiosidade até a necessidade de ser aceito como parte integrante de determinado grupo.

É questionável se a postura familiar interfere ou mesmo influencia para que o adolescente se inicie no consumo de tais substâncias, e principalmente se a conduta dos pais na educação dos filhos, que passou por mudanças significativas nos

últimos tempos, passando da total repressão para a permissividade exagerada, tem relevância no fato. Ao se depararem com tal situação, os pais acabam se culpabilizando e se perguntam onde foi que erraram na educação do filho.

Tendo em vista que a família é entendida como sendo a base para a educação, bem como para o processo de individuação do sujeito, a relevância para o devido trabalho se justifica pelo fato de que mesmo o início do uso de drogas geralmente se dar na adolescência, acredita-se que a postura familiar, bem como falta de estrutura desta podem ser condições propícias ao desenvolvimento da dependência.

Portanto, este estudo se propôs a enfatizar a postura dos pais perante os filhos, e se esta pode ou não influenciar na conduta dos adolescentes que acabam por se envolver com as drogas e se tornar delas dependentes, com tantos problemas decorrentes dessa atitude.

ABUSO DE DROGAS E RELAÇÕES FAMILIARES

Dizer que as drogas se tornaram a maior aflição da sociedade, onde poucos fenômenos geram tantas preocupações entre pais, e custos com justiça e saúde não é exagero, pois crime e violência são conseqüências muito evidentes, enquanto a amoralidade, fracassos educacionais ou mesmo as vidas totalmente arruinadas são menos citados, mas não menos importantes; mas o que é droga? E adolescência? O que torna estes jovens tão vulneráveis?

O termo “droga” segundo Leonardo (2007), pode ser entendido como sendo toda substância que por sua natureza química afeta a estrutura humana, modificando a atividade mental e repercutindo nas esferas psíquica, somática e neuro-vegetativa. Seu funcionamento no organismo se dá através da alteração cerebral, classificadas em três grupos que atuam de forma diferente, definidos abaixo, por Mansur; Carlini (1993):

Psicoléticos: depressores da atividade cerebral, faz o cérebro funcionar de forma mais lenta, por isso conhecidas como depressoras do Sistema Nervoso Central - SNC; exemplificados pelo álcool, solventes (inalantes), hipnóticos (barbitúricos), ansiolíticos (diazepam, lorazepam), narcóticos – opiáceos que podem ser naturais (morfina e codeína), sintéticos (meperidina) e semi-sintéticos (heroína).

Psicoanaléticos: exaltam, estimulam a atividade cerebral, fazendo o cérebro funcionar mais rapidamente, sendo assim conhecidas como estimulantes do SNC,

caracterizados pelas anfetaminas usadas como estimulantes da vigília (metanfetamina), e como o intuito de inibir o apetite (fenproporex), bem como a cocaína e estimulantes menores.

Psicodislépticos: perturbam a atividade mental, não alteram o ritmo de funcionamento cerebral, mas causam uma mudança no funcionamento neuronal, ocasionando reações anormais como delírios e alucinações; por isto chamadas de alucinógenas; representadas pelos alucinógenos primários sintéticos (LSD, ecstasy) ou naturais (derivados de maconha, derivados indólicos – de plantas e cogumelos) e alucinógenos secundários (anticolinérgicos) derivados de plantas ou sintéticos (benactizina).

O uso continuado de substâncias psicoativas pode levar o indivíduo a desenvolver tolerância, entendida como o fenômeno responsável pela necessidade contínua do usuário em aumentar a dose ou passar a usar drogas mais potentes para atingir o efeito desejado; podendo ser metabólica (o fígado acelera a metabolização) e farmacológica (diminui a reação tecidual à droga); também pode ocorrer a tolerância cruzada, quando relacionada a uma substância utilizada e passa-se a utilizar outra da mesma classe, por exemplo: álcool e benzodiazepínico (MANSUR; CARLINI, 1993).

Da mesma forma, existe a possibilidade de desenvolver a dependência, ou seja, a necessidade do uso da substância psicoativa devido ao uso continuado, sendo caracterizada pela perda da liberdade de dizer não à droga. Conhecido como “vício”, seu efeito se instala quando há um impulso dominador de consumir a droga. A dependência pode ser psicológica, presente em todas em que há necessidade de fazer uso da substância para atingir o efeito desejado e/ou física, onde há adaptação fisiológica à substância, podendo acarretar, na sua falta, em uma crise de abstinência, conhecida por “fissura”, apresentando sintomas fisiológicos (por vezes desesperador) na falta da droga (MANSUR; CARLINI, 1993).

No entanto, não se pode caracterizar todas as drogas como maléficas, pois conforme Leonardo (2007), a maioria surgiu e existe para o bem, como uma descoberta científica para atuar sobre o cérebro e outros órgãos em busca da cura. As mesmas substâncias ou similares usadas erroneamente acabam destruindo, envenenando, intoxicando e matando; como exemplo, pode-se citar o Ópio (morfina) utilizado desde a antiguidade para combater a dor, a Cocaína – há séculos usada

pelos índios para combater dor, fadiga, fome e reanimação e o Ecstasy, que foi desenvolvido para diminuir o apetite.

Bergeret (1991) coloca que é necessário que a substância tenha “propriedades psicotrópicas” para que se transforme em “objeto de abuso toxicomaniaco” e a escolha do usuário pode ser determinada em decorrência do efeito desejado por este, tendo em vista também que para o encontro acontecer, precisa haver disponibilidade do produto, “abastecimento”, onde o contexto social desempenha um notório papel na oferta, “acessibilidade” das drogas.

Leonardo (2007), relaciona o fato de a adição atingir uma gama expressiva de indivíduos que passam pelo período da adolescência à importância desta fase, devido a alterações físicas (puberdade) e psíquicas (personalidade) que permeiam suas vivências. É considerado o período em que o indivíduo passa a analisar e questionar valores, normas e regras de conduta instituídos e a própria sociedade, em decorrência de uma necessidade de expressar sua individualidade, independência e auto-imagem. Por conta disso, tende a buscar integração social, através dos grupos de amigos, se afastando da família de origem, o que os torna susceptíveis às influências externas e do meio.

A adolescência pode ser entendida como um conceito psicossocial, visto que “sua definição depende das transformações psicológicas de cada indivíduo em particular e do contexto sócio-cultural em que ele está inserido” (HEINSIUS, 2004, p. 14)”, e somados aos “fatores biológicos específicos”, sendo influenciada pelo ambiente familiar, além do social e cultural.

É neste “estágio intermediário entre a infância e a vida adulta”, que são revistos alguns problemas infantis sendo, por isto, concebida como uma fase de crise, de desarranjo interior. Esta situação exige uma resposta do indivíduo que precisa rearranjar traços de sua infância e de sua história familiar, buscando a sua significação pessoal para a sua história e projeto de vida para o futuro. Precisa elaborar, não somente a sua sexualidade; mas também aspectos relacionados a sua constituição enquanto sujeito adulto (PAQUER E BERNARDINO, 2008). Isto gera os conflitos que tornam a fase da adolescência conhecida como um período conturbado do desenvolvimento do indivíduo.

Nesta busca, o grupo de adolescentes se torna um espaço importante, porque oferece situações variadas e múltiplas, necessárias ao jovem. Calligaris (2000, p. 57) salienta que estes grupos “podem ser mais ou menos fechados”, mas sempre

irão aduzir ao mundo uma “identidade própria”, diferente daquela do adulto, bem como de outros grupos. Hensius (2004, p. 23) considera essa inserção em grupos fundamental, pois favorece o estabelecimento do “elo de ligação entre a dependência infantil e a independência adulta”, facilitando a transição da família para o mundo, ocupando, portanto, um lugar primordial na construção da identidade deste sujeito.

Neste processo, o adolescente busca situações que sente como favoráveis no momento, podendo ocorrer uma dupla identificação, onde cada um se identifica com o outro, o que propicia este envolvimento grupal. No entanto, pode haver a identificação negativa, na qual preferem ser indesejados a não ser nada, culminando em comportamentos rejeitados socialmente como o abuso de drogas (KNOBEL, 1981).

O consumo de drogas vem apresentando progreções assustadoras entre os adolescentes, iniciando-se geralmente com o consumo de álcool até chegarem às drogas ilícitas. Mussini (2005) enfatiza que quando o adolescente ouve os amigos despreverem o prazer causado pelas drogas, é comum que experimente por curiosidade, sentindo este prazer momentâneo, podendo repetir em outra oportunidade, o que acaba por levá-lo ao uso continuado, caracterizando a dependência.

Neste contexto deve-se dar relevância a postura da família durante o processo educativo destes menores, como bem exemplifica Mussini (2005), defendendo que mesmo que ao entrarem na adolescência, os jovens comecem a andar sozinhos, procurando alcançar liberdade e autonomia de vida, é imprescindível a presença dos pais mais do que nunca, pois nesta busca incessante de prazer, estes farão papel de guia e orientadores, para incentivá-los a buscar os prazeres naturais (esportes, jogos, etc.), pois “se não houver harmonia entre pais e filhos, estes irão respeitar e acreditar nas leis e amigos da rua” (MUSSINI, 2005, p. 14).

Schenker e Minayo (2003) abordam esta questão da postura dos pais de forma muito esclarecedora, defendendo que a família é vista como uma das fontes de socialização primária do adolescente, juntamente com a escola e o grupo de amigos. As práticas educativas e os estilos de criação da família são ressaltados como facilitadores, ou não, do uso abusivo de drogas.

Rappaport (1981–1982, p. 105-106) vem ao encontro desta questão ao afirmar que o adolescente pode até experimentar drogas devido a pressões do grupo, mas quando provindo de um relacionamento familiar satisfatório, em que não haja autoritarismo nem permissividade excessivos, não irá se viciar, desistindo logo após a experimentação. Em contrapartida, “os adolescentes oriundos de lares desfeitos, de ambientes conflituosos”, com uma educação extremista, são os que tendem a se viciar.

A família é considerada o elo mais forte das fontes primárias de socialização, pois as normas e regras sociais são aprendidas dentro deste contexto, o que propicia que funcione como mediadora entre o adolescente e os outros contextos em que estará inserido. Sendo assim, é possível destacar como um fator predisponente ao envolvimento deste com as práticas drogaditas, conforme Schenker e Minayo (2003) a falta de estrutura familiar e postura exacerbada de autoritarismo, onde o indivíduo não desenvolve a auto-confiança, ou permissividade, em que os pais são indulgentes e/ou negligentes, não transmitindo regras sociais saudáveis. Por conseguinte, mesmo que na adolescência, o indivíduo busque autonomia com relação aos pais, este terá incutidos os valores e normas advindas de sua família e esta, por ter o papel de inserir o adolescente na cultura e instituir as relações primárias; acaba por influenciar a forma como o adolescente reage a ampla e irrestrita oferta de drogas atualmente. Ou seja, ao se construir relações familiares saudáveis desde o nascimento da criança, a família acaba por protegê-la.

A relevância da família também é defendida por Leonardo (2007), que afirma ser esta a base, a unidade e a geradora do relacionamento perante a sociedade e precisa estar bem estruturada, onde haja diálogo e equilíbrio, pois cabe aos pais orientar a formação da personalidade dos filhos, para que estes não busquem outros subsídios.

O referido autor também desta que o combate ao uso deve se iniciar nos lares, através da conscientização dos jovens, visto que as estatísticas mostram que a maior incidência de dependência química está nos adolescentes criados sem a assistência dos pais, provindos de lares desestruturados psiquicamente. Defende ainda a combinação de vários fatores como predisponentes ao uso, dentre eles:

- Ausência de investimento nos vínculos que unem pais e filhos;
- Envolvimento e/ou monitoramento parental insuficiente;

- Excessiva permissividade e/ou dificuldades em se estabelecer limites aos comportamentos;
- Educação com pouca afetividade nas relações parentais;
- Extrema rigidez na postura educacional;
- Aprovação da experimentação pelos pais (mesmo que somente drogas lícitas);
- Expectativas incertas quanto ao comportamento adequado dos filhos.

Feijó (2007) vem ao encontro dessa afirmativa, defendendo que a prevenção se dá no equilíbrio familiar, principalmente no quesito informação, dizendo que os filhos tendem a sofrer menos influências negativas do ambiente quando as famílias são bem estruturadas e seus membros ajustados e atualizados, o que os distanciaria dos grupos considerados de risco (FEIJÓ, 2007, p. 87).

O autor enfatiza que “as posturas rígidas paternas são, em muitos casos, a causa principal da falta de comunicação entre pais e filhos. A este, resta, então, decidir sozinho se vai experimentar uma droga ou não” (FEIJÓ, 2007, p. 129). A este afastamento, pode-se acrescentar a perda de controle dos filhos ocasionada quando há “dificuldades de os pais estarem presentes ao lado dos filhos – para que possam orientá-los, funcionar como exemplos de identificação positiva e dar-lhes limites claros, sem, no entanto, serem rígidos” (FREITAS, 2002, p. 19).

Schenker e Minayo (2005) ressaltam a combinação de alguns fatores de risco que predisõem ao uso de drogas entre adolescentes de forma combinada, como a ausência de investimento nos vínculos que unem pais e filhos, o envolvimento materno insuficiente, excessiva permissividade e/ou dificuldades em se estabelecer limites aos comportamentos dos filhos, educação com pouca afetividade nas relações com os filhos, monitoramento parental insuficiente, aprovação da experimentação pelos pais, expectativas incertas quanto ao comportamento adequado dos filhos e conflitos entre os pais em desfecho.

Marques e Cruz (2000) relatam, ainda, a importância do sistema familiar nas intervenções para prevenção e tratamento do uso de drogas e álcool, apontando o suporte econômico fornecido pelos pais aos filhos, bem como a importância da inclusão destes em qualquer tentativa de intervir a fim de tratar ou prevenir o uso no caso de um adolescente considerado como pertencendo a um grupo de risco.

Para Campos (1987, p. 102) “a prevenção deve começar no lar, desde tenra idade, pois nunca é cedo demais para começar, para evitar a iniciação no mundo de drogas, que pode ocorrer por acidente ou por procura livre e espontânea.”

Segundo Freitas (2002, p. 41), “em um grupo familiar no qual surge de forma mais proeminente um drogadependente, percebe-se que ele é apenas o representante eleito da problemática dessa família”, chamada pré-adictiva, pois se trata de uma família nas quais a estrutura é frágil, tanto o pai quanto a mãe não conseguem exercer seus papéis de forma adequada. “São pessoas com uma fragilidade que as impede de fazer frente ao filho, já que é impossível educar sem que surjam conflitos entre pais e filhos”, podendo-se perceber de forma clara a dificuldade de lidar com limites, com o não que deve ser dito em alguns momentos. Sendo assim, é possível dizer que “na origem de qualquer drogadicção estão a falta de amor e o abandono – a verdadeira origem dessa grave patologia”.

Mussini (2005, p. 50-51) afirma que os pais se indagam quando deparam com a dependência do filho “onde foi que erraram”, visto que lhe deram de tudo, se culpabilizando pela situação. Vai além afirmando que por mais incrível que se pareça, os jovens aspiram por diálogo, compreensão, carinho e amor dos pais, o que se percebe que não está nos valores financeiros.

Por fim, Schenker e Minayo (2003) destacam que uma abordagem de tratamento que envolva a família terá mais êxito que outras individuais, e que esta deve focar o estabelecimento/ recuperação dos vínculos entre os membros; promovendo mudanças significativas na estrutura/ postura familiar, para que se consiga uma mediação saudável para o adolescente em relação aos demais contextos em que este está inserido.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto neste estudo, pode-se refletir que os apontamentos efetuados pelos autores de que o indivíduo se constitui em um contexto familiar, que transmite valores, regras, normas de conduta e que se afetam, culminando na internalização de conceitos por este. A família é conhecida como a base da educação e socialização e pode ser entendida como fator relevante na constituição do sujeito, influenciando, conseqüentemente, seus relacionamentos sociais.

Desta forma, pode-se pensar que ao passar pela chamada crise da adolescência, instituída em nossa sociedade contemporânea, o jovem questiona os

valores instituídos até então e se volta para o meio social em busca de suas próprias verdades e, por conseguinte, a constituição de sua identidade. Nesta busca, o indivíduo é incitado constantemente ao individualismo e consumismo.

Sendo assim, pode-se concluir que as relações estabelecidas no contexto familiar irão influenciar a maneira como o adolescente se relaciona com o mundo, tendo em vista que é em relação a este referencial familiar que permearão estes questionamentos. Nesta visão, é possível afirmar que o relacionamento familiar é um fator influente na experimentação, bem como no estabelecimento da dependência por estes jovens.

No entanto, isto não é entendido como fator determinante, pois identifica-se na toxicomania uma multicausalidade em que a experimentação e o desenvolvimento da dependência precisam contemplar a demanda do sujeito, bem como a disponibilidade do produto que atenda a sua falta específica; seja ela de cunho familiar, ou não.

Deste modo, não se deve atribuir somente à família ou qualquer outro fator isoladamente o estabelecimento do vício, pois o adolescente está inserido em um contexto social no qual este se inter-relaciona, mas pensar na sua singularidade, nos seus relacionamentos, assim como no desenvolvimento da dependência.

REFERÊNCIAS

BERGERET, J. **Toxicomanias**: uma visão multidisciplinar. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.

BIRMAN, J. **Mal-estar na atualidade**: A psicanálise e as novas formas de subjetivação. Parte 3: as subjetividades e as drogas. 7. Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009. p. 195–250.

CALLIGARIS, C. **A Adolescência**. São Paulo: Publifolha, 2000.

CAMPOS, D. M. S. **Psicologia da adolescência**: normalidade e psicopatologia. 11. ed. Petrópolis: Vozes, 1987.

FEIJÓ, C. **A sexualidade e o uso de drogas na adolescência**: o papel da família e da escola na prevenção das DST, gravidez na adolescência e uso de drogas. Osasco, SP: Novo Século, 2007.

FREITAS, L. A. P. **Adolescência, família e drogas**: a função paterna e a questão dos limites. Rio de Janeiro: Mauad, 2002.

HEINSIUS, A. M. **A construção da identidade na adolescência**. In: SILVEIRA, H. e PALIERAQUI, R. E. B. *Adolescência: uma visão de temas na sociedade contemporânea*. Rio de Janeiro: Atlântica, 2004. p. 13-29.

KNOBEL, M. **A síndrome da adolescência normal**. In: ABERASTURY, A e KNOBEL, M. *Adolescência normal: um enfoque psicanalítico*. Porto Alegre: Artmed, 1981.

LEONARDO, J. B. **Drogas, perguntas e respostas**. Lions Clube, 2007.

MANSUR, J. CARLINI, E.A. **Drogas subsídios para uma discussão**. Brasiliense, 1993.

MARQUES, A. C. P. R.; CRUZ, M. S. **O adolescente e o uso de drogas**. *Revista Brasileira de Psiquiatria*, v.22, n.2. Disponível em <<http://www.scielo.br>>. Acesso em 30 out. 2008.

MUSSINI, M. **Drogas, pais e filhos**. Rio de Janeiro: Ciência Moderna, 2005.

NOGUEIRA FILHO, D. M. **Toxicomanias**. São Paulo: Escuta, 1999.

OSORIO, L. C. **Adolescente hoje**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

PAQUER, L. V. e BERNARDINO, L. M. F. **Depressão na adolescência: um quadro clínico ou sintoma necessário?**. In: OLIVEIRA, W. (org). *Revista da associação psicanalítica de Curitiba*. n, 1. Curitiba: APC, 1997.

RAPPAPORT, C. R.; FIORI, W. R.; DAVIS, C. **Psicologia do desenvolvimento**. V. 4. *A idade escolar e a adolescência*. São Paulo: EPU, 1981-1982.

SCHENKER, M.; MINAYO, M. C. S. **A implicação da família no uso abusivo de drogas: uma revisão crítica**. *Ciênc. saúde coletiva* [online]. 2003, vol.8, n.1, pp. 299-306. Disponível em < <http://www.scielo.br/pdf/csc/v8n1/a22v08n1.pdf>>. Acesso em 22 set. 2009.

_____ **Fatores de risco e de proteção para o uso de drogas na adolescência**. *Ciência & Saúde Coletiva*. 2005, v.10, n.3. Disponível em <<http://www.scielosp.org>>. Acesso em 08 mai.2009.